

Artigo

O AUTISMO NA MÍDIA – CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DOS CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE

Nelci Guimarães¹
Maura Martins²

Palavras-chave

autismo, mídia,
valores-notícia.

Keywords

autism disorder, media,
news values.

Biografia

1. Graduanda do Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, das Faculdades Integradas do Brasil – UniBrasil.

2. Mestre em Ciências da Comunicação. Professora e Coordenadora Adjunta do Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, das Faculdades Integradas do Brasil – UniBrasil.

RESUMO

Este artigo se propõe a questionar a pouca visibilidade do autismo na mídia e a ausência de relevantes fatos noticiosos a respeito do tema, que ultimamente têm circundado as comunidades ligadas à medicina e à saúde. A partir da discussão sobre os efeitos da notícia, conforme analisados por Jorge Pedro Souza, intenta-se enfatizar as razões dessa distorção comunicativa, bem como aproximar-se à discussão sobre os critérios de escolha dos valores-notícia, a fim de desvelar as razões da pouca noticiabilidade do tema.

ABSTRACT

This article intends to question the little media visibility of the autism disorder and the lack of relevant news about this subject, which has been focused by the medicine community lately. Through the discussion about the news effects, as analysed by Jorge Pedro Sousa, it is intended to understand the reasons of this communicational distortion, as well as to approach to the discussion about the choice of the news values, to reveal the reasons of the little visibility of autism in the popular press.

1 INTRODUÇÃO

O autismo é uma síndrome que foi identificada pela primeira vez por Leo Kanner em 1943, no artigo intitulado *Distúrbios autísticos do contato afetivo*. Ele se referia a um grupo de 11 crianças estudadas por ele e que tinham entre si comportamentos diferenciados daquelas analisadas anteriormente pelo médico e pesquisador: transtorno de interação social, ou seja, dificuldade ou impossibilidade de se relacionar; transtorno da comunicação (a maioria não falava ou tinham um modo de se expressar muito limitado), e uma grande restrição de interesses.

Atualmente, a psiquiatria denomina o autismo de Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (CID 10: F 84.0)¹, por suas características patológicas que retardam ou paralisam o desenvolvimento esperado de uma criança (Aprendizagem, Relacionamento, etc).

Em conflito com o que se propõe na comunicação moderna – ser porta-voz dos cidadãos - a mídia se mantém alheia à maior parte dos fatos que têm modificado o entendimento a respeito do autismo, contribuindo, assim, para que mitos já superados pela ciência continuem povoando o imaginário popular, até mesmo de grande parte de profissionais, como professores universitários e psicólogos que costumam disseminar em sala de aula² conceitos provindos muito mais do senso comum do que dos resultados de métodos científicos.

Ainda hoje, a síndrome é desconhecida da maioria das pessoas. O que não acontece, por exemplo, com a Síndrome de Down, que tem estado presente em nosso cotidiano, mesmo em telenovelas - apesar de o autismo ser relacionado no Manual Estatístico e Diagnóstico da Associação Americana de Psiquiatria (DSM) com maior incidência do que a Síndrome de Down, conforme divulgação do Jornal de Pediatria:

1 Nomenclatura determinada pelo Ministério de Estado da Saúde para designar o autismo.

2 Opera como sintoma dessa situação o relato de uma discente de um curso de psicologia em Curitiba, que conta ter ouvido de uma professora o argumento, típico das crenças populares e já superado pela ciência, de que os autistas são filhos de famílias desestruturadas, ou são crianças não desejadas. Curiosamente, em sua mais recente obra, o escritor curitibano Cristóvão Tezza, *O Filho Eterno* (2007), refere-se em alguns trechos do livro ao termo autismo de forma negativa, associando o termo autista a atitudes inferiores, socialmente condenáveis.

Epilepsia	50
Paralisia cerebral	50
Demência.....	25
Doença de Parkinson..	200
Autismo.	130
Malformações congênitas SNC.	70
Síndrome de Down.....	50

Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento³ (Prevalência de distúrbios neurológicos por 100.000)

O tema autismo tem sido polêmico desde que foi descrito pela primeira vez e permanece cercado de controvérsia até hoje. A falta de informações adequadas, aliada à dificuldade de acesso àquelas que existem nos meios acadêmicos, torna o tema pouco compreendido pela população e contribui para a estigmatização de seus portadores e suas famílias. Mesmo informações mais simples, como o diagnóstico preciso, ainda continuam muito distantes de todos – em confronto com o aumento dos casos, que é uma tendência verificada nas últimas pesquisas. Nos Estados Unidos e na Europa, devido ao interesse do Estado, cientistas estão mapeando a doença há muitos anos⁴.

Dos jornais de Curitiba pesquisados no espaço de dois anos (período 2005/2006), apenas a Gazeta do Povo traz matérias abordando o assunto. Contatou-se a presença de 5 materiais jornalísticos, ainda assim, nem sempre tendo o autismo como tema principal: *Arte que transforma Vidas e Temperamentos* (02.07.05, Caderno G), a matéria mostra autistas que aprendem a se relacionar com o mundo, usando as experiências no palco como modelo; *Contra o autismo da sociedade* (10.11.05, 1º Caderno), entrevista com especialista sobre atendimento a autistas; *Os riscos da pseudointegração* (10.07.06, 2º Caderno), entrevista com professor de psicologia

3 Tabela de 2005. Baseada em estudos de Carlos A. Gadia, Roberto Tuchman e Newra T. Rotta.

4 Os últimos estudos são: *Proporção de crianças autistas nos EUA supera estimativas* (08.02.2007 Atlanta, EUA) divulgado pelo porta-voz da Autism Speaks, Alison Singer - no maior estudo já feito sobre o problema; *Especialistas encontram região de cromossomo que pode estar ligada ao autismo* (18.02.2007, EFE), publicado pela revista britânica Nature Genetics; *Estudo internacional encontra elos genéticos do autismo* (20.02.2007, Reuters), englobando cientistas de 19 países; *Pequenas mutações genéticas* publicado na revista Science (financiada pelo National Institutes of Health - NIH), com amostras genéticas de 264 famílias.

e psiquiatria infantil na Universidade de Yale; *Inclusão a qualquer custo vai transformar escola em hospital* (25.07.06 2º Caderno), entrevista com o psicólogo Raimundo Faccion, PhD em psiquiatria.

Os parâmetros de noticiabilidade (como, por exemplo, proximidade, abrangência, curiosidade), fundamento que se leva em conta na divulgação de um assunto que transparecerá para o público, encontram-se quase inexistentes em relação ao autismo em praticamente todas as matérias levantadas. A exceção é a entrevista com o médico Ami Klin, estudioso brasileiro radicalizado nos Estados Unidos e que tem o autismo como foco central dos seus estudos. Lembra-se, por oportuno, que tais declarações feitas na entrevista vêm justamente de quem vivencia uma realidade bem diferente, onde os estudos do autismo têm ganhado preferência da mídia.

As demais matérias fazem breves referências ao tema, englobando os portadores, inclusive, com demais formas de deficiência, desmerecendo (ainda que não intencionalmente) a particularidade da síndrome. Nem mesmo notícias destacando o caráter extraordinário que se tem mostrado nos portadores, desviando o fator de interesse público jornalístico, aparecem nos jornais locais – ao contrário do que acontece em outros países, como no caso do menino autista que apareceu em todos os canais de televisão dos Estados Unidos, depois de salvar seu time de

basquete entrando nos últimos minutos e convertendo milagrosas cestas.

2 EFEITOS DAS NOTÍCIAS NOS RECEPTORES

Informação é um direito do cidadão e o jornalismo, uma atividade de serviço público. Dessa conjunção advêm vantagens evidentes. Para os produtores da notícia, possibilita-se desenvolver mais o jornalismo de serviço, com a conseqüente função social, tão idealizada pelos parâmetros consensuais do jornalismo.

Isabelle Anchieta de Melo⁵ diz que o real se dá pela mediação da linguagem. Descreve que a reação típica do indivíduo frente a uma notícia será, provavelmente, o desejo de repeti-la a alguém. Isso irá gerar a conversação, poderá despertar novos comentários e até uma discussão. Iniciado o debate, o acontecimento discutido deixa de ser notícia e, com as diferentes interpretações, as discussões serão transferidas do plano da notícia para o dos problemas que ela invoca. Segundo Park (*apud* Melo), o conflito de opiniões que o debate proporciona, na maioria das vezes, culmina em uma espécie de opinião coletiva denominada opinião pública. Assim, é da interpretação dos acontecimentos representados na notícia que se fundamenta a opinião pública. Deduz-se daí porque o autismo permanece ainda *engavetado*

5 Em seu estudo *A notícia como forma de conhecimento segundo Robert Park*. Disponível em <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em 27.08.07.

nos corredores dos grandes centros de pesquisa. Partindo dessa idéia, é imperioso lembrar que, se o autismo está ausente da mídia, ficará distante da opinião pública, já que quanto menos um assunto é publicizado, menor será a recepção e, conseqüentemente, de menor conhecimento público. E menos reflexão e saber a respeito do tema será produzido.

Para embasar teoricamente este artigo, na parte em que se refere à teoria jornalística e fundamentá-la com as variáveis dos efeitos fisiológicos, afetivos, cognitivos e comportamentais citados por Sousa (2002) em seu livro *Teorias da Notícia e do Jornalismo*, utiliza-se reflexões do autor obtidas por entrevista via correio eletrônico. Para Souza (2007), a notícia é um produto variável⁶ e afeta o receptor de várias circunstâncias, influenciando assim os modos de captura da realidade.

No caso específico do autismo e a simbologia da recepção, Souza afirma que todo receptor é “sempre rodeado de circunstâncias que medeiam a recepção e interpretação dos actos comunicativos”⁷. Para ele, os *media* podem funcionar como instrumentos de socialização, por exemplo, ao participarem na geração de um campo referencial mínimo de conhecimentos, suscetível de promover

6 Pois os parâmetros sobre a noticiabilidade dos fenômenos não são absolutamente consensuais e tendem a variar de acordo com os contextos sócio-culturais em que se concretizam os *media*.

7 SOUSA Jorge Pedro. Entrevista com o autor, via E-mail, em 23.04.2007.

a comunicação e de ajudar as pessoas a se sintonizarem com certos assuntos relevantes para a sociedade. Ao ser questionado sobre este estudo, ele define assim os critérios de noticiabilidade para o autismo:

Os critérios de noticiabilidade conspiram para obscurecer o autismo como objecto de notícia, apesar da cobertura que é dedicada à doença. Por um lado, o autismo “não vende” e por outro lado é uma doença com pouca expressão estatística (...) Há muitos assuntos sérios e contundentes, pelo que os meios têm de fazer escolhas. A noticiabilidade, nas suas várias expressões, regula as escolhas feitas pelos jornalistas. É possível, até, que o autismo tenha mais visibilidade noticiosa do que a sua expressão estatística no seio social⁸.

Seguindo o raciocínio de Souza, o autismo é carente de visibilidade, razão pela qual está fora dos critérios de noticiabilidade, tão propalados em seus ensinamentos. Para o autor não é possível determinar um valor-notícia preponderante a um acontecimento ou a uma problemática, pois ele pode ser forte num determinado valor-notícia e fraco nos restantes, ou medianamente forte em vários valores-notícia, o que tem determinado, a seu ver, que o tema do autismo tenha ficado distante do noticiário das mídias. Por outro lado, a pouca expressividade estatística mencionada por ele pode mesmo ser em virtude dos critérios de noticiabilidade,

8 SOUSA Jorge Pedro. *id.*

ou seja, os dados ficam obscuros para o público (incluindo aí o próprio autor, já que constata erroneamente a “pouca expressão estatística” da síndrome) e, por ficarem obscuros, não desperta interesse nos meios. E por que isso acontece?

Os meios selecionam a informação, de acordo com uma grelha interpretativa que valoriza determinados acontecimentos em detrimento de outros. Vimos já que determinados acontecimentos passam pelos filtros enquanto outros não (...). Desta maneira, o horizonte de conhecimento da atualidade que os meios jornalísticos oferecem é um horizonte cheio de nuvens (Sousa, 2002, p. 123).

Tendo em vista que a notícia é um “produto de variáveis e tem efeitos fisiológicos, afetivos, cognitivos e comportamentais sobre as pessoas e esses efeitos dependentes das várias circunstâncias do receptor” (*id*), como pensar esse receptor? Sousa define:

É sempre um receptor rodeado de circunstâncias que medeiam a recepção e interpretação dos actos comunicativos. A família, a escola, os amigos, as próprias circunstâncias físicas em que se recebe uma mensagem e o meio usado para a veicular contribuem para mediar os efeitos dessas mensagens junto de cada receptor.⁹

Sendo assim, no ambiente social em que as notícias sobre o autismo

(não) são veiculadas, é esperado que os lugares-comuns em torno do tema sejam repetidos pela opinião pública, fazendo com que os possíveis receptores tornem-se reféns dos recortes da realidade mostrada pelos *media*.

3 A INTERAÇÃO SIMBÓLICA DOS FATOS

Sousa identifica a comunicação jornalística como um elemento importante na organização da vida cotidiana e, conseqüentemente, na construção da realidade (*ibid*). As notícias, entre múltiplas outras funções, participam na definição de uma noção partilhada do que é atual e importante e do que não é, proporcionando pontos de vista sobre essa realidade, possibilitando gratificações pelo seu consumo e podendo gerar conhecimento. As informações e a forma com que chegam aos receptores podem também sugerir, direta ou indiretamente, respostas para os problemas que cotidianamente os cidadãos enfrentam. Para o autor, as notícias, ao interferirem no tecido social por ação dos meios jornalísticos, participam da realidade social existente, configuram referentes coletivos e geram determinados processos modificadores dessa mesma realidade. “Em suma, e se quiséssemos recorrer a Berger e Luckmann (1976), as notícias são agentes participantes no processo de construção social da realidade” (Sousa, 2002, p. 119).

9 SOUSA, Jorge Pedro. *Ibid*.

Ratificando a posição de Sousa (2002) de que a comunicação jornalística é um dos agentes que intervêm no processo de construção social da realidade, a abordagem interacionista proposta por Vygotsky¹⁰, que situa o indivíduo em sua realidade sócio-histórica, pode ser entendida dentro desse plano. Essa abordagem está ancorada, por um lado, nas peculiaridades biológicas da espécie humana e, por outro, em situações que são desenvolvidas ao longo de sua história social. Para ele é o grupo social que fornece o material (signos e instrumentos) que possibilita o desenvolvimento do indivíduo, embora este haja influenciado por diversos mecanismos. Isso significa que se deve analisar o reflexo do mundo exterior no mundo interior dos indivíduos, a partir da interação destes com a realidade.

Existe uma realidade para lá do sujeito que pode ser descrita, mas as descrições da realidade podem ser mais ou menos enviesadas. (...) No jornalismo, é freqüente o sujeito jornalista sobrepor-se ao objecto realidade. Por isso, o discurso jornalístico é frequentemente contaminado por opiniões, pelas visões do mundo próprias de cada sujeito, pela fé e convicções pessoais de cada jornalista e das fontes, etc.¹¹

Considerando ainda que o

10 Em sua teoria histórico-social, Vygotsky tem como sua questão central a aquisição de conhecimentos pela **interação** do sujeito com o meio.

11 SOUSA, Jorge Pedro, *Ibid.*

receptor, incluindo o jornalista, pode dar mais atenção à determinada notícia do que a outra porque a primeira lhe diz algo e a segunda não, está definindo que o meio jornalístico é capaz de influenciar na simbologia da recepção, influenciando assim, quem recebe a informação. Sob essa ótica, a forma e a freqüência com que os atos jornalísticos são tomados determinam a forma com que as informações são processadas. E o jornalismo tem o poder de criar (ou silenciar) efeitos, os mais variados, quando lança mão de divulgar este ou aquele fato.

Medina diz que não são as abstrações conceituais que presentificam o cotidiano e sim, experiências vivas que se tecem na cultura, ou seja, no momento real onde as coisas acontecem. Para ela só o cotidiano particularizado em estratégias locais oferece elementos para a narrativa dos acontecimentos, que é “a capacidade cultural de criar novos sentidos e de interferir no mundo material, no mundo natural e no mundo humano” (2003, p. 93).

Berger e Luckmann justificam o homem como produto social e a sociedade como produto humano de realidades objetivas. Para os autores, a reificação (apresentação de relações sociais como relações entre coisas) é um passo para o processo de objetivação, através do qual se percebe os fenômenos do mundo como exteriores à ação humana, como se o homem fosse produto, ao invés de produtor, dos fenômenos do mundo. “A realidade da

vida cotidiana não é cheia unicamente de objetivações; é somente possível por causa delas” (BERGER e LUCKMANN, 2004, p.54).

Também para Lima (2004) a função aparente de informar e orientar sobre ocorrências sociais, no quadro de contemporaneidade dá ao jornalista a capacidade de criar múltiplas realidades, de mostrar o sentido, o significado do mundo sob sua visão. Ainda que, segundo Sousa (2002), não se dirija um receptor passivo, mas influenciável.

4 CONCLUSÃO

A presente abordagem levou em conta a interação de dois campos: a necessidade de maior transparência no que se refere ao fenômeno comunicacional, dentro da dinâmica do autismo e a histórica de reconstrução do conhecimento através da interação simbólica de sujeitos, cujos projetos de mundo advêm do meio em que vivem – e onde a maior visibilidade da síndrome teria função (ainda que secundária) de pincelar novos horizontes para as pessoas afetadas. Por outro lado, questionam-se os meios de comunicação e seus sentidos, também construídos a partir de subjetividades e interesses, já que, em última análise, assumem uma dinâmica de articulação em parceria com o receptor.

Ao se propor a busca da verdade dos fatos e dos acontecimentos cotidianos, a mídia se compromete a trazer a realidade como se apresenta (e não disfarçada de interesses discutíveis), o que não tem acontecido com o tema aqui discutido. Assim, o autismo continua ‘vendendo’ uma imagem distorcida de si mesmo. Como, por exemplo, acontece com as produções de filmes (como *Rain Man*), nos quais são encarnados personagens com poderes especiais para contar objetos e adivinhar datas. Isso acontece, ou por inoperância frente à apuração dos fatos, ou por desvio de interesse (transformar as películas em instrumentos lucrativos – o que, de uma forma ou de outra, acaba por imprimir sentido distorcido na propagação de um acontecimento tão importante como o autismo). Eric Fombonne¹² diz tratar-se do maior desafio para a ciência ainda hoje “compreender os mecanismos através dos quais diferentes facetas do comportamento combinam-se para formar o intrigante perfil que caracteriza o autismo”¹³.

Por outro lado, se entendermos os meios de comunicação também como reflexo do universo simbólico da sociedade, como definido pelos autores acima reportados, as notícias refletem aspectos das expectativas do público – o que não se faz em relação ao autismo, visto seu alto teor estatístico vislumbrado nas últimas pesquisas (ausentes da mídia). Se esse tipo de matéria ocupasse espaço crescente na mídia, agregaria valor junto ao receptor e, assim sendo, ajudaria também à empresa jornalística, visto tratar-se de um importante filão noticioso.

12 Chefe de pesquisas e diretor da unidade de psiquiatria pediátrica do Hospital Infantil de Montreal.

13 Disponível em <cronicaautista.blogger.com.br>.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 15ª edição. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1998.

KANNER, Leo. **Psiquiatria infantil**. Buenos Aires: Editorial Psique, 1966

LEBOYER, Marion. **Autismo infantil: fatos e modelos**. Trad.: Rosana Guimarães Dalgalarondo. Campinas-SP: Papirus, 1987.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**. 1ª edição. São Paulo-SP: Unicamp, 1995.

MEDINA, Cremilda. **Notícia - um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. 3ª edição. São Paulo-SP: Summus, 1993.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó-SC: Editora Argos, 2002.

VYGOTSKY, Lev Semjonovitsch. **Teoria do desenvolvimento humano**. Disponível em <www.centrorefeducacional.com.br/vygotsky.html>. Acesso em 04.05.2007.

MELO, Isabele Anchieta. **A notícia como forma de conhecimento segundo Robert Park**. Disponível em <ww.bocc.ubi.pt>. Acesso em 20.08.2007.